

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA - SP
COGEAE
RENAN REGUEIRO DA SILVA

UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE A REVERSÃO SEXUAL

Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica
Orientador: Prof. Dr. Wilson Klain

São Paulo
2020

RESUMO

O presente trabalho analisa a prática de reversão sexual e a crise identitária que vivem os homossexuais privados de seu desejo. Considerou-se um percurso pela era clássica e a investigação do estatuto de homossexualidade na obra freudiana, a fim de revelar alternativas para o acolhimento do indivíduo e a despatologização do seu desejo. Para adentrar os conceitos freudianos, a ideia de perversão surgiu como um fator de suma importância neste estudo, ponderando a inovadora posição que Freud (1905) adotou em sua obra. A exposição de casos clínicos colaborou para entendermos outros caminhos além da proposta de reversão, que apontam para uma conduta que fortalece a autonomia do sujeito e o trabalho das tensões entre moral social e liberdade sexual.

Palavras-chaves: Homossexualidade, desejo, perversão, reversão sexual, psicanálise.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Wilson Klain, que me orientou e ensinou tanto ao longo deste trabalho.

Aos meus pacientes, que me confiaram suas dores e alegrias.

À minha esposa, pela paciência e incentivo durante todo este curso.

Ao meu filho, que ao nascer me fez lembrar o sentido deste trabalho: devemos lutar por uma sociedade mais inclusiva, diversificada e plural para as nossas crianças.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
a) Hipótese	7
b) Justificativa	8
c) Objetivo	8
d) Método	9
2. A HOMOSSEXUALIDADE NA ERA CLÁSSICA	10
2.1. A homossexualidade na Grécia antiga	10
2.2. O prazer entre homens e a preocupação moral	12
3. DESEJO E PSICANÁLISE	15
3.1. Sujeito, linguagem e subjetividade	15
3.2. O desejo homossexual e as faces do adoecimento	16
4. PERVERSÃO, BISSEXUALIDADE E HOMOSSEXUALIDADE EM FREUD	19
4.1. Perversão e reversão sexual	19
4.2. Bissexualidade e homossexualidade em Freud	22
4.2.1. <i>A inversão sexual</i>	23
4.2.2. <i>O sentido da perversão em Freud</i>	24
4.2.3. <i>O caráter bissexual do complexo de Édipo</i>	26
4.2.4. <i>Homossexualidade e narcisismo</i>	29
5. A CLÍNICA PSICANALÍTICA COM HOMOSSEXUAIS	31
5.1. Pós freudianos e a ética psicanalítica em questão	31
5.2. Freud e a clínica com homossexuais	32
5.3. Caso clínico: As dores da identidade dupla	35
5.4. Caminhos para a clínica psicanalítica com homossexuais	40
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

A heterossexualidade de um homem não suporta a homossexualidade, e vice-versa. Se aquela é a mais forte, consegue manter latente e afastá-la da satisfação da realidade; por outro lado, não há perigo maior para a função heterossexual de um homem do que ser perturbada pela homossexualidade latente.

(Freud, 1937, p. 313)

1. INTRODUÇÃO

Há mais de 25 anos a homossexualidade foi tirada da lista de doenças da Organização Mundial da Saúde (OMS); contudo, ainda hoje nos deparamos com líderes espirituais, psicólogos e psiquiatras que acreditam na cura do desejo homossexual.

A reportagem de Marcos Sergio Silva, com o título de “Machucados pela fé” (2019),¹ apresenta depoimentos de submissão ao processo de reversão sexual, que foram promovidos em uma espécie de aliança entre religião, psiquiatria e psicologia.

Nos casos relatados neste documento, gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e intersexuais foram tratados sob o viés patológico, alguns em comunidades terapêuticas, tendo em vista a ingestão de medicamentos e práticas de coerção religiosa.

Os depoimentos retirados da reportagem de Silva, que se inscrevem na introdução deste trabalho, sugerem a nocividade destes tratamentos e seus danos à subjetividade.

Uma mulher lésbica disse:

Eu fui uma vez só (na igreja). Eles começaram a sacudir a minha cabeça para lá e para cá para sair o tal de um demônio, me perguntando se já tinha ido embora. Eu pensava: "Se eu não disser que foi, vou ficar aqui com a minha cabeça chacoalhando até o final".

(apud. SILVA, 2019)

Outro entrevistado comentou:

É um processo doloroso, a igreja é um processo doloroso para as pessoas que são LGBTIs. Não mexe com o seu físico, mexe com o seu emocional, que eu acho que é pior.

(apud. SILVA, 2019)

Um rapaz entrevistado conta:

¹ “Machucados pela fé”. Reportagem de Marco Sergio Silva, 11 de agosto de 2019, UOL: <https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/eles-foram-machucados-pela-fe/#cover>

Minha mãe me colocou em um encontro com Deus. É o retiro espiritual feito pelas igrejas evangélicas. Teve um negócio de uma fogueira à noite, com um monte de pedido, e, por fim, queimava nessa fogueira. Eu sei que nesse dia me deu insônia, eu não consegui dormir e fiquei do lado de fora do quarto. Aí, um rapaz, que sempre me observava, veio até mim, um dos líderes lá, e aí começou a conversar comigo para saber por que eu estava ali, por que eu era o mais recatado, não sei o quê.

(apud. SILVA, 2019)

Depois, revela o que escutou do líder religioso:

“Na sua idade, eu também já fui gay”. Eu me assustei: “Como assim já foi gay?”. “Eu tinha troca-troca com os amigos”. Ele falou de uma forma tão vulgar que eu fiquei horrorizado. “Mas Jesus cura essas coisas, você tem que se entregar a Deus e tal”.

(apud. SILVA, 2019)

Há tempos, na busca por certa normalidade e padronização, são oferecidos tratamentos na esperança de alcançar a famigerada “cura gay”.

Foucault (1961/1978) nos conta que o internamento funcionou, em suas formas primitivas, como um mecanismo social, por síntese autoritária da natureza e da virtude, a fim de eliminar os elementos que lhe fossem nocivos. O internamento eliminava os “a-sociais”, que, por razões diversas, apresentavam alguma variação daquilo que era esperado socialmente. Doentes venéreos, devassos, dissipadores, homossexuais, blasfemadores, alquimistas ou libertinos, segundo o autor, foram rejeitados para além de uma linha de divisão, reclusos em campos fechados da loucura durante o século XVII e XVIII.

a) Hipótese

Na análise dessas estranhas práticas terapêuticas, que atravessam três séculos com o mesmo propósito, considerando apenas o exposto acima, iniciamos com a hipótese de que parecem propostas cobertas de intolerância e preconceito, que

sugerem um afastamento do sujeito de seu próprio objeto de desejo, causando-lhe enorme sofrimento e o enfraquecimento do seu Eu.

Supõe-se que o homossexual, acometido por uma cultura heteronormativa, se vê enfraquecido e tendo que reprimir o próprio desejo para ser aceito em sociedade. A repressão do desejo incide num empobrecimento de sua vida amorosa e profissional, ocasionando a perda de sentido e o sofrimento psíquico.

b) Justificativa

A atualidade do pensamento freudiano serviu-nos como referência para pensarmos os desejos que se opõem a essa normalidade, e o quanto faz-se necessária a liberdade da orientação sexual para a evolução da civilização.

Na justificativa do presente trabalho, me apoio na fala de Pedro de Santi, quando se refere a Freud como um autor “seminal e estratégico na criação de um tratamento que acolhe o sofrimento e produz uma subjetividade implicada na linguagem, na história e no desejo” (Santi, 2017, p. 135).

Certamente, atribuir um caráter anormal ao movimento LGBTQ+ já se tornou uma sentença bastante obsoleta, e precisamos nos emprestar de leituras psicanalíticas, em especial de seu fundador, para sustentar o que é de tanto valor: nossos desejos e a liberdade sexual.

c) Objetivo

O objetivo do presente trabalho foi o de percorrer os conceitos de homossexualidade, bissexualidade, desejo e repressão na obra de Sigmund Freud (1856-1939), com a finalidade de sustentar uma visão psicanalítica quanto a impossibilidade da reversão sexual e a despatologização da homossexualidade.

Assim, buscou-se pensar numa leitura freudiana sobre o desejo homossexual, visando seu desdobramento através da clínica psicanalítica, com a intenção de encontrar respostas sobre a forma que o sujeito pode viver sua singularidade, subjetividade e história na contemporaneidade.

d) Método

Sustenta-se que na psicanálise possamos encontrar caminhos para o reconhecimento da homossexualidade como a expressão de um desejo sexual livre, opondo-se ao viés de anormalidade considerado por tantos grupos religiosos, psicólogos, psiquiatras e defensores da reversão sexual.

Reconhecemos na psicanálise uma teoria em movimento e de contínuas descobertas, distante da posição de fechar ou enquadrar-se em normativas e dogmatismos que fundamentam a repressão sexual.

Para compor este trabalho foi preciso revisitar a história, considerando três períodos importantes para a compreensão da homossexualidade: a Grécia antiga, o período de formulação e desenvolvimento da teoria psicanalítica e a contemporaneidade.

Apoiado na teoria psicanalítica, e tendo em vista o vocabulário de Psicanálise escrito por Laplanche e Pontalis (1982/2001), foram pesquisadas as referências textuais de Freud indicadas para cada conceito descrito pelos autores, que se associavam ao tema proposto. Os conceitos e termos pesquisados inicialmente foram: invertidos, perversão, homossexualidade, bissexual, bissexualidade, desejo, repressão e sexualidade.

Posteriormente, no desenvolvimento deste trabalho, as noções de complexo de Édipo e narcisismo foram significativas para a compreensão da homossexualidade na obra freudiana.

Levando em conta os aspectos clínicos, considerou-se resgatar a terapêutica de Freud, expor um atendimento realizado pelo autor deste trabalho e refletir sobre as saídas possíveis em direção a subjetividade por meio da clínica psicanalítica.

2. A HOMOSSEXUALIDADE NA ERA CLÁSSICA

2.1. A homossexualidade na Grécia antiga

Filho de Júpiter e de Latona, Apolo é irmão gêmeo de Diana. Deus da luz, da música, da poesia e das demais artes, condensa, mitologicamente, em sua imagem, as maravilhas do amor, da beleza e do estado de civilização sobre as trevas da barbárie. Por isso, segundo Civita (1973), muitos amores ele teve. Unindo-se a pelo menos dez figuras femininas e gerando mais de treze filhos, Apolo foi referenciado nos mitos gregos, inclusive, em sua peculiar estória com Jacinto, um jovem belo e atraente por quem este deus se apaixonou e viveu momentos de prazer e alegria. Tragicamente, Jacinto morre por azar, na tentativa do ciumento Zéfiro em assassinar Apolo, quando um pesado objeto atirado desviou-se pelo vento e, ao invés de atingir Apolo, atingiu Jacinto.

Os atenienses da Grécia antiga, sem dúvidas, não pareciam interessados na cura gay. Ao contrário, seus pressupostos e modo de se relacionar com a sexualidade e diversidade humana pareciam bem mais libertários que os presentes nos discursos de hoje.

Empresto-me de outro belíssimo mito, contado por Aristófanes (447-385 a.C.), em *O banquete*, de Platão (427-347 a.C.), para trazer à luz a origem da homossexualidade (Platão, 2009). Aristófanes e seus amigos² se reuniram para comer, beber e competir sobre quem faria a melhor definição de Eros (o amor), sendo esse um conceito de muito valor na cultura antiga.

Segundo o mito, na natureza primitiva compreendiam-se três sexos. Os grupos masculino e feminino, como agora, e um terceiro, chamado de andrógino, composto por dois sexos. Havia andróginos compostos por dois homens, por duas mulheres, e um terceiro grupo formado por um homem e uma mulher. Em sua anatomia, tinham dois rostos semelhantes em uma só cabeça, quatro orelhas e um par de genitais. Tinham quatro braços e quatro pernas. Andavam eretos como nós, mas quando corriam, estendiam as pernas, formavam uma roda e corriam de forma veloz. Eram fortes, vigorosos e arrogantes. Eram hostis aos seres celestiais e tinham como projeto escalar o céu, quase numa tentativa de se comparar aos deuses.

² Fedro, Pausânias, Erixímaco, Ágaton, Sócrates e Alcibiades.

Diante de tanta insolência, Zeus e os outros deuses decidiram sentenciá-los, e enfraquecê-los lhe pareceu a melhor saída. Partiu-nos ao meio, dividindo em duas partes. Enfraquecidos, partiram a vagar pelo mundo à procura de sua outra metade.

No texto de Platão, Aristófanes conta que Eros estaria implantado nos homens, com o propósito de restaurar a natureza humana. Vagavam, portanto, à procura de sua outra metade, sendo qual fosse sua origem, dois homens, duas mulheres, ou um homem e uma mulher.

Penso que todos chegaríamos a completo bem-estar se soubéssemos atingir o alvo da nossa força erótica, alcançando cada um de nós o objeto de seus desejos para restaurar sua natureza primitiva. Se é nisso que reside a perfeição, é forçoso que melhor se sentirá aquele que mais se aproximar dela, certo de que o desejado corresponde a seu gosto.

(PLATÃO, 2009, 193d)

Sendo assim, os andróginos compostos por dois homens ou por duas mulheres teriam dado origem à homossexualidade, e, para Aristófanes, não haveria problema se eles se encontrassem ao longo da vida, afinal, se era nisso que residia a perfeição, melhor que se sentissem bem consigo mesmos, restaurando a natureza primitiva.

No fim das contas, o mito dos andróginos parece mesmo falar de desejo, numa espécie de junção à ideia do amor. Falavam de Eros implantado no homem, mas nos sugere que também falavam de Afrodite, que além de deusa do amor, carregava forte influência no prazer sexual, na beleza e no desejo.

O discurso de Sócrates (469-399 a.C.), ao final do banquete, revela uma compreensão distinta de seus colegas acerca de Eros e do desejo. O filósofo não discursa como os outros pensadores; ao contrário, questiona as explicações que foram dadas sobre Eros e transmite os ensinamentos de Diotima.³

Suas considerações abordam as motivações para o desejo e o lugar que este ocupa para Eros. Eros, para Sócrates, seria carente do belo e, também, carente do bem. Porém, na conversa com Diotima, conta-nos que se deparou com explicações que colocavam Eros sob uma outra ótica, que também partilharia do feio e do mal.

³ Sacerdotisa de Mantinea, cidade grega; entendida em diversos assuntos. Segundo Sócrates, foi referenciada como a estrangeira na passagem do livro.

O diálogo com Diotima nos aproxima de um saber menos fixado na verdade absoluta. Em lugar do discurso autoritário, a fala plural ganha espaço. Ela diz que o não belo não é feio, e que o não saber não é ignorância. A verdade é que contribui com a ideia de que entre um extremo e outro, há um longo caminho a ser percorrido. Eros faz-se desejo e evidencia um amor intermediário.

Segundo Hermann, em seu ensaio “As três faces de Eros” (2006), com a colocação de Sócrates ao final do banquete, podemos entender Eros menos triunfal, talvez plural, contraditório e representante do amor real, diferente, parcial e revestido de erotismo. Companheiro de Afrodite, está longe de ser definido a partir de um único ponto de vista.

2.2. O prazer entre homens e a preocupação moral

Amar rapazes, na era clássica, segundo Foucault, era uma prática livre e admitida pela opinião pública. As questões de tolerância ou intolerância eram insuficientes para dar conta do fenômeno. A prática homossexual, naquele tempo, era valorizada pela literatura e possuía cauções religiosos que garantiam proteção divina através de seus ritos.

Em *História da sexualidade: o uso dos prazeres* (1984), ao invés de ressaltar a liberdade da homossexualidade na Grécia antiga, Foucault procurou saber como o prazer entre homens, que antes era livre, constituiu-se um problema, objeto de uma preocupação moral particular, interessada no controle das práticas homossexuais.

[...] os amores masculinos foram, na cultura grega, objeto de toda uma efervescência de pensamentos, de reflexões e de discussões a propósito das formas que deveriam tomar ou do valor que se podia reconhecer-lhes.

(FOUCAULT, 1984/2014, p. 238)

Na análise que fez, o autor observou que os filósofos e moralistas iniciaram pela interrogação da relação entre um homem maduro e um jovem ainda em formação.⁴ A investigação do autor nos dirá que essa preocupação teórica e moral se ocupava do limiar que separava o adolescente do homem adulto.

⁴ Em complemento, reconheceu que não eram só essas as relações homossexuais existentes na época. Ele conta que as relações entre rapazes mais jovens eram consideradas naturais, enquanto a

Foucault esclarece em seu texto a chamada prática de corte, uma espécie de jogo social que impunha regras de comportamento e maneiras de fazer, que indicavam uma diferenciação das demais formas de amor. Essa era uma forma de diferenciar relações homossexuais e heterossexuais.

A problematização dos prazeres sexuais e seu uso se fazia a partir da relação estatutária, que dava poder ao homem de governar a mulher, mas se via implicado em uma relação delicada quando tratava-se de um outro homem.

Considerando as interrogações que os gregos faziam sobre as relações com os rapazes, na reflexão sobre o amor, o autor diz que a erótica implicava um domínio na vida conjugal, a qual traria implicações morais sobre a ideia de dominação e poder na relação entre dois homens. Isso porque a honra de um rapaz era algo bastante valorizado na época.

Foucault faz considerações sobre a honra e a desonra dos jovens, e como estas questões eram objetos de toda uma curiosidade social. O rapaz grego, segundo seus estudos, tinha como honra o seu status e o seu lugar futuro na cidade. Todavia, os rapazes de reputação duvidosa nem sempre podiam exercer as mais altas funções políticas. A conduta moral do jovem, aos olhos de todos, era prova qualificadora.

Na educação grega, eram provas qualificadoras a postura do corpo, os olhares, a maneira de falar e a qualidade das pessoas que se frequentava. Entretanto, é no campo de conduta amorosa, no uso dos prazeres, que se determinaria o seu valor moral. Havia, sobretudo, uma série de qualidades as quais o jovem necessitava possuir para afirmar seu valor no campo amoroso.

Esse princípio de honra ao qual Foucault se refere, rege a forma como o rapaz deve ser. Precisava provar-se grandioso, a partir de uma honra de superioridade, garantindo seu valor superior sobre si mesmo e sobre os outros.

Ao tratar a ideia de objeto de prazer, Foucault exemplificará a relação sexual a partir das combinações ativo e passivo, para considerar como era valorizada a superioridade ativa daquele que penetrava. É daí, então, que podemos pensar, segundo o autor, o que acarretaria a passividade (evitada) para um homem livre, afortunado e de prestígio. Essa conduta passiva, portanto, seria vista como

relação entre dois homens maduros era objeto de crítica, em razão de suspeitarem de uma passividade, malvista quando se tratava de adultos.

vergonhosa, relativa ao fato de posicionar-se como objeto de prazer de um outro homem.

Para os atenienses, não se aceitaria a autoridade de um chefe que se identificou como objeto de prazer de outros homens, pois isso indicaria a perda do prestígio, do valor e de sua honra.

Quando, no jogo das relações de prazer, desempenha-se o papel do dominado, não se poderia ocupar, de maneira válida, o lugar do dominante no jogo da atividade cívica e política.

(FOUCAULT, 1984/2014, p. 269)

Percebemos a relutância em aceitar dois homens maduros em uma relação conjugal, pois evidenciariam uma passividade e a desonra. A única forma permitida ainda seria entre um jovem em formação e um homem adulto.

Contudo, é necessário admitir, conforme nos conta o autor, que ser objeto de prazer e se reconhecer como tal constituía um problema para o jovem, pois não estaria em consonância com as obrigações que lhe foram impostas para ser um homem livre, dono de si e moralmente honroso. Tendo em vista um papel ao qual não poderiam se identificar, acabaram por recusá-lo e resistir ao próprio desejo.

A partir dos estudos realizados por Foucault, podemos entender que nos enganaríamos se não admitíssemos que os gregos não se inquietavam com as implicações da homossexualidade.

Parece-nos que a preocupação dos gregos, segundo o autor, consistia em saber quando o jovem deixaria de ser o objeto de prazer para ser o senhor do prazer, e como poderia fazê-lo, se estivesse numa relação homossexual. Na especificidade da honra que o jovem buscava manter, foi preciso, portanto, renunciar o próprio desejo.

3. DESEJO E PSICANÁLISE

3.1. O sujeito da psicanálise

A partir deste percurso na era clássica, poderemos adentrar o significado de desejo na obra freudiana, refletindo suas implicações quando consideramos a presença da homossexualidade. Mas, para falarmos de desejo em psicanálise, precisamos falar da concepção de sujeito em Freud.

As concepções de sujeito em Freud são variadas. Aqui, proponho-me a utilizar uma delas; esta não será a primeira concepção proposta pelo psicanalista, como um sujeito mental, advindo de representações do eu e cisões entre mente e corpo, mas a concepção de que somos articulados de crenças e constituídos a partir de nossos desejos e atos linguísticos.

Jurandir Freire Costa (1995) nos fala sobre a teoria freudiana do sujeito, a partir da concepção considerada neste trabalho:

O sujeito é a história de seus laços discursivos com outros sujeitos ou com o mundo material. É linguagem ou um efeito da linguagem, como se prefira. Com isto, queremos dizer que todos os predicados ou elementos constitutivos do sujeito dependem da linguagem para afirmar suas características subjetivas.

(COSTA, 1995, p. 32)

Ao pensarmos no que constitui o sujeito, pensamos em razão, emoção, sensações, sentimentos, ações, vontade, paixão etc. Nas concepções freudianas apontadas por Costa (1995), considera-se que todos esses fenômenos dependem da linguagem para existir. Sem a linguagem, não saberíamos definir aquilo que sentimos, desejamos ou tememos.

Para produzir ou mudar nossa subjetividade, precisamos da linguagem. E, quando entendemos que as realidades psíquicas são realidades linguísticas, temos um grande avanço, pois a realidade psíquica ou linguística é o que performa a subjetividade. Performar a subjetividade, neste caso, significa fazer o sujeito passar de um estado mental para outro. Um sujeito que muda sua forma de representar a própria homossexualidade nos diz muito sobre a concepção que ele pode ter de si mesmo.

Entendendo a homossexualidade como realidade linguística, considerando a história de significados e suas variações, podemos compreender como equivocada a consideração da sexualidade como fixa ou imutável.

Portanto, teremos como compreensão que, em psicanálise, o sujeito é um sujeito de desejos. E, sobretudo, cabe-nos considerar, também, que o desejo nasce da falta de um objeto.

Diante dessa concepção, poderemos sustentar que o sujeito homossexual vive seu dilema e conflito psíquico a partir das representações que tem de si e da própria sexualidade, e, ao buscar se inserir na cultura, forças internas também são responsáveis pelo seu sofrimento.

3.2. O desejo homossexual e as faces do adoecimento

Foi bem no início do movimento psicanalítico que Freud se deu conta de como algumas ideias (desejos), quando não suportáveis à consciência moral, eram subtraídas da consciência e reprimidas para um outro lugar.⁵

O motivo desta cisão da consciência, na qual existe uma separação e isolamento de algumas ideias, se dá por uma defesa do Eu em conciliar à consciência ideias que lhe pareçam perturbadoras. Portanto, este mecanismo de defesa ocupa um lugar decisivo que implica sofrimento quando o sujeito não consegue autorizar seu desejo. É importante compreendermos que a ideia tenderá a escapar mesmo com a cisão da consciência, e, se fazendo tão insuportável à consciência, poderá se fazer presente em anomalias psíquicas ou padecimento corporal. É forçoso dizer que quanto maior a grandeza do afeto, maior sua manifestação.

A noção de inconsciente, ponto central da teoria psicanalítica, recebeu algumas definições ao longo da obra freudiana. Aqui, poderemos nos atentar a definição do ponto de vista dinâmico, fazendo valer as concepções acerca do conceito de recalçamento (ou repressão).

Segundo Nasio (1999), este é o ponto de vista no qual ocorre uma luta entre algo que impulsiona e outro que resiste. A fonte de excitação recebe o nome de *representantes recalçados*, que, ao ultrapassar a barreira do recalçamento, são identificados como *retorno do recalçado*. Considerando que não cheguem à

⁵ Cf. Freud, *Estudos sobre a histeria*, 1893-1895/2016.

consciência da forma original, apresentam-se disfarçados na superfície da consciência. Deformados, esses produtos chegam em forma de sintomas neuróticos. Segundo o autor, “o *retorno do recalçado* é o disfarce consciente do recalçado, porém, incapaz de disfarçá-lo por completo” (Nasio, 1999, p. 36).

Ao longo de sua investigação e conceituação teórica, Freud se refere aos tipos de adoecimento neurótico, em 1912, considerando a frustração uma das causas mais evidentes na forma de adoecer. Pondera que o indivíduo é saudável enquanto suas necessidades de amor são satisfeitas por um objeto real do mundo externo, porém, na falta, quando o objeto lhe é retirado, sem achar um substituto para ele, adoece. A infelicidade coincidiria com a neurose, e o destino para a cura, nas palavras do autor, seria arranjar um substituto para a satisfação perdida.

Suas considerações neste texto referem-se, também, à possibilidade do adoecimento neurótico diante da abstinência, tão significativas nas restrições culturais quanto ao acesso à satisfação.

Quando apontou o processo de repressão, considerando a formação dos sintomas, Freud (1916/2014) afirmou que o agente regulador do que é permitido em nossa consciência é a censura. O processo de resistência a ideia insuportável para a consciência, como apontado acima, leva o nome de *repressão* (pp. 391-395). Portanto, aqui, podemos pensar que, tendo o desejo não realizado, o homossexual lida com uma enorme frustração; o resultado deste processo tende a ser a formação de sintomas, ou, como nos apontou Freud (1915/2010), como “indícios de um *retorno do reprimido*” (p. 94).

Voltamo-nos a pensar na representação que o sujeito tem de si, e a decisão de como viver a homossexualidade está no campo de suas crenças. Parecerá insuportável viver seu desejo diante das representações tidas sobre ele como sendo algo desviante do normal.

Vale lembrar que a dura tarefa dessa decisão pode implicar outras complicações para o sujeito homossexual. Embora consciente ou não de seu desejo, a necessidade de pertencer e não se sentir excluído dos grupos traz à tona um outro problema, a perda da singularidade.

Partidário da liberdade subjetiva do sujeito, e de sua singularidade, Freud, no texto *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/2016), nos faz pensar na dura tarefa que o indivíduo tem para viver sua liberdade e estar bem consigo mesmo na civilização, tendo como desejo também estar bem com o outro e ser aceito nos grupos.

Quando o indivíduo na massa renuncia sua singularidade e se deixa sugestionar pelos outros, temos a impressão de que o faz por existir nele uma necessidade de estar antes em harmonia com eles a estar em oposição a eles; ou seja, talvez o faça “por amor a eles.

(FREUD, 1921/2016, p. 77)

Condenado ao sofrimento, alienado de sua subjetividade e vítima de uma depressão contemporânea, estamos diante de um sujeito que, ao deparar-se com uma proposta de cura do seu desejo, se vê alienado e sem refletir sua própria subjetividade.

Elizabeth Roudinesco, em seu livro *Por que a Psicanálise?* (1999), caracteriza a derrota do sujeito em sociedade e consolida a ideia de uma sociedade depressiva. O homem doente da sociedade depressiva, conforme nos aponta Roudinesco, está possuído por um sistema biopolítico que rege seu pensamento como um grande feiticeiro, provocando, assim, uma falta de responsabilidade por si mesmo, e uma alienação aos seus processos conscientes e inconscientes.

Perdido em seus sintomas, em suas dependências e no enfraquecimento de sua personalidade, o homossexual privado de seu desejo vive no seio de uma cultura anti-sujeito, na qual parece ter que viver as margens do desejo do outro.

Assim, é necessário considerar a psicanálise longe de prometer a “cura”, mas como uma possibilidade de que o sujeito possa progressivamente lidar com seus desejos homossexuais, no alívio de seus sintomas e no resgate de sua subjetividade. Lembremos as palavras de seu fundador, em nota de 1915, acrescentada aos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905):

A investigação psicanalítica se opõe decididamente à tentativa de separar os homossexuais das outras pessoas, como um grupo especial de seres humanos. Estudando outras excitações sexuais além daquelas manifestadas abertamente, ela sabe que todas as pessoas são capazes de uma escolha homossexual de objeto e que também a fizeram no inconsciente. De fato, ligações afetivas libidinosas com pessoas do mesmo sexo não têm, como fatores de vida psíquica normal, papel menor – e, com motores do adoecimento, têm papel maior – do que aquelas que dizem respeito a pessoas do outro sexo.

(FREUD, 1905/2016, p. 34)

4. PERVERSÃO, BISSEXUALIDADE E HOMOSSEXUALIDADE EM FREUD

4.1. Perversão e reversão sexual

Foucault, em seu livro *História da loucura na idade clássica* (1961/1978), nos conta que o internamento em hospitais psiquiátricos durante o século XVII e XVIII teria como finalidade a eliminação espontânea dos “a-sociais”. Uma primeira consciência médica, segundo o autor (p. 91), formulou a concepção de doença da natureza aquilo que antes era reconhecido apenas como mal estar social. Durante o internamento eram oferecidos castigos e punições de ordem pública como forma de cuidados terapêuticos. O parentesco entre medicina e moral cristã, que durante o século XVII se encontravam em uma espécie de aliança, inscrevia a loucura nas instituições na forma de repressão, coação e obrigação de conseguir um salvamento. Foucault aponta que práticas de sodomia eram consideradas crimes, passíveis de punições severas, que se associavam a condenação dos homossexuais e o seu extermínio. O autor escreve:

Na repressão do pensamento e no controle da expressão, o internamento não é apenas uma variante cômoda das condenações habituais. Tem um sentido preciso, e deve representar um papel particular: o de conduzir de volta à verdade através da coação moral.

(FOUCAULT, 1961/1978, p. 112)

No início, perverso era um adjetivo e não um substantivo. As perversões, antes, nos primórdios da psiquiatria, apontavam para desvios, distorções, disfunções orgânicas ou de uma atividade mental. Sendo assim, eram simplesmente partes descritivas ou qualitativas de um sintoma, segundo informa Jurandir Freire Costa em *A face e o verso, Estudos sobre o homoerotismo II* (1995).

Costa (1995) afirma que a ideia de perversão homossexual teve origem nos conflitos dos direitos dos cidadãos das novas sociedades burguesas, durante o século XVIII. E, quando analisa as ideias sobre a homossexualidade tidas nos primórdios da psiquiatria, nos diz:

Não existia a ideia de uma patologia perversa autárquica, típica de um sujeito sexualmente perverso. As perversões eram indícios de

distúrbios na economia das paixões, das ideias, do cérebro etc. Com a supremacia do evolucionismo, do instintivismo e da teoria da degenerescência, as antigas monomanias e perversões começaram a ser vistas como signos de uma personalidade degenerada ou de um tipo psicológico especial.

(COSTA, 1995, p. 159)

Antes, na teoria psiquiátrica e prática médico-legal, dispensava-se o fator específico de descoberta da homossexualidade e contentava-se em diagnosticar loucuras morais, monomanias instintivas, loucuras eróticas etc.

No entanto, conforme citado por Costa (1995), com a supremacia do evolucionismo, durante o século XVIII e XIX, na sociedade europeia, a homossexualidade foi tida como uma aberração.

Considerava-se que os homossexuais iam contra a natureza humana, contra as leis, eram indivíduos defeituosos; assim, eram descritos em termos anátomo-fisiopatológicos. Algumas descrições se justificavam pela falta no controle cortical, afirmando que, ao invés de se interessarem pelo sexo oposto, neste distúrbio intelectual, se interessavam pelo mesmo sexo.

Segundo Costa (1995), com o crescimento do interesse médico pelas particularidades das perversões sexuais, outras explicações foram sendo dadas, como doenças da personalidade e/ou descrições psicológicas que definiam o sujeito por um atraso no seu desenvolvimento.

De acordo com os estudos do autor, as terapêuticas propostas no fim do século XVIII e início do século XIX, por Scherenck-Notzing, visavam combater os sentimentos homossexuais, induzir sentimentos heterossexuais, obter uma relação heterossexual sistemática e duradoura, e, por fim, garantir um noivado e um casamento, assegurando o paciente de recaídas (Costa, 1995, p. 181).

Contudo, durante esses programas e práticas terapêuticas, ele nos conta que o sujeito era induzido a confessar que seus desejos eram erros de sua história, suportar angústias, náuseas, humilhações em prostíbulos, insônia, culpa, até deprimir-se.

Podemos entender, a partir de seus estudos, que assim surgiram os primeiros programas de cura gay, com a intenção de adequar o indivíduo às normas e regras sociais vigentes.

A história nos mostra que as medidas coercitivas tiveram marcas significativas na vida de muitos homossexuais. Em 1895, o escritor Oscar Wilde foi processado e condenado a dois anos de prisão por manter um relacionamento homossexual com Alfred Douglas. A lei que definia a homossexualidade como crime permaneceu em vigor até 1967 na Grã-Bretanha.⁶

O filme *Jogo da imitação* (2014)⁷ retrata a história de Alan Turing (1912-1954), matemático britânico que conseguiu decifrar os códigos nazistas contidos na máquina Enigma, determinando o curso da segunda guerra mundial, não teve reconhecimento e prestígio por seus feitos; ao contrário, foi julgado por sua homossexualidade e submetido a terapia hormonal para a “cura” de suas tendências desviantes. Após um ano de terapia, Turing se suicidou, em 7 de junho de 1954, aos 41 anos.⁸

Mais de 50 anos após a morte de Turing, o filme *Trapped: The Alex Cooper Story* (2019), baseado em fatos reais, retrata o sofrimento de uma jovem americana de 16 anos que, após revelar aos pais mórmons o desejo por mulheres, foi enviada para um programa de reversão sexual previsto para adolescentes. O tratamento proposto na casa onde ficou hospedada, sob a tutela de um casal, incluía coerção moral, castigos físicos e aprisionamento. O castigo aumentava conforme ela resistia às regras impostas. A jovem ficou 243 dias aprisionada em um sistema religioso de reversão, considerada uma garota problema para a comunidade, tentou suicídio até, por fim, conseguir fugir.

Com um destino menos trágico que o de Turing, Alex Cooper ganhou o direito de viver abertamente sua sexualidade. Mesmo sendo uma adolescente e contrariando os preceitos religiosos da família, teve os pais impedidos juridicamente de forçá-la o retorno à terapia.

Notamos, através desses casos, que a ideia de reversão sexual parece ter se apossado de diferentes formatos para tentar enquadrar aqueles que obtêm prazer com pessoas do mesmo sexo na norma social vigente.

⁶ Dados retirados da enciclopédia *Amor & Sexo*, editora Nova Cultural, 1989.

⁷ Filme dirigido por Morten Tyldum, baseado no livro de Andrew Hodges, *Alan Turing: The enigma* (2014).

⁸ Em 2013 a rainha Elisabeth II concedeu o perdão real à Turing, honrando suas conquistas sem precedentes.

4.2. Bissexualidade e homossexualidade em Freud

As teorias sobre bissexualidade e homossexualidade propostas por Freud ao longo de sua obra, mesmo que diversas, apresentavam concepções diferentes dos conceitos psiquiátricos de sua época.

A noção de bissexualidade teve origem no período germinal do movimento psicanalítico. Foi por influência de seu amigo mais íntimo, W. Fliess⁹ que Freud introduziu esse importante conceito em sua obra. Suas primeiras explorações podem ser conferidas nas correspondências trocadas com Fliess, entre 1896 e 1899.¹⁰

Em carta de 30 de junho de 1896 (Freud, 2008, p. 205), Freud mostrava-se curioso sobre a teoria do amigo. Alguns meses depois, em dezembro daquele ano (p. 223), o termo bissexualidade apareceu pela primeira vez, quando Freud apresentou um esboço do aparelho psíquico e a ideia sobre a origem das psiconeuroses.

Ele notou que a bissexualidade constituía a base das neuroses, e, a partir da teoria da repressão, Freud considerará a presença de elementos femininos e masculinos nos indivíduos, surgindo a significação geral de uma tendência a inversão nos psiconeuróticos.

A famosa carta de 1º de agosto de 1899 revelava que Freud estava convencido de que a bissexualidade estaria presente, inclusive, nos atos sexuais. Ele escreveu:

Mas a bissexualidade! É claro que você tem razão quanto a ela. Estou me acostumando a encarar cada ato sexual como um processo em que há quatro indivíduos envolvidos. Temos muito a discutir sobre esse tema.

(FREUD, 2008, carta 208, p. 399)

Em seu livro clássico *A interpretação dos sonhos*, de 1900, Freud fez menção a homossexualidade ao considerar a frequência com que os impulsos homossexuais apareciam nos sonhos, em razão de serem reprimidos (Freud, 1900/2019, p. 369).

⁹ Wilhelm Fliess, dois anos mais jovem que Freud, alemão, médico especializado em cirurgia e otorrinolaringologia, conheceu Freud por sugestão de Josef Breuer e tornou-se seu melhor amigo, com quem Freud compartilhou assuntos pessoais e profissionais.

¹⁰ As cartas estão publicadas em: Freud, Sigmund. *Cartas a Wilhelm Fliess (1887-1904)* – Buenos Aires, Amorrortu, 2008.

Na passagem, o autor fala sobre certa frequência com que a inversão aparece nos sonhos, instigada por impulsos homossexuais reprimidos. A serviço da censura, a inversão se torna valiosa, conferindo uma deformação, segundo Freud, que paralisaria a compreensão do sonho.

Em outra passagem, ele nos diz:

Uma interpretação cuidadosa permite constatar que muitos sonhos devem ser entendidos como bissexuais, pois admitem uma “sobreinterpretação” irrefutável, em que se realizam impulsos homossexuais, isto é, contrários à atividade sexual normal do sonhador.

(FREUD, 1900/2019, p. 442)

As primeiras ideias que conceituavam a bissexualidade para Freud, portanto, dizem respeito a uma disposição instintual existente em cada indivíduo, que se evidenciava nas psiconeuroses e, conforme apontado acima, também através dos sonhos com conteúdo homossexual.

4.2.1. A inversão sexual

É nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905, que as concepções sobre bissexualidade, homossexualidade e perversão se apresentam de forma mais clara na obra freudiana. Freud não cedeu ao padrão de normalidade presente nos discursos da época. Seu posicionamento foi questionador e investigativo sobre o caráter degenerativo e inato da homossexualidade.

A partir da definição de inversão sexual forjada por Havelock Ellis,¹¹ Freud iniciou seus estudos sobre as aberrações sexuais. Ele abre seu texto de forma bastante clara, considerando os desvios quanto ao objeto sexual. Em seguida, irá chamar de invertidos aqueles cujo objeto sexual é um sujeito do mesmo sexo. Freud os colocará sob diferentes aspectos, sendo os absolutamente invertidos, os anfígenos (hermafroditas) e os ocasionais.

¹¹ Contemporâneo de Freud, Havelock Ellis foi um médico britânico que estudou a sexualidade humana. O seu clássico livro *Inversão sexual* (título original: *Studies in the psychology of sex, volume 2: Sexual Inversion*) foi lançado em 1900.

Para o autor, alguns invertidos¹² veem a inversão com certa naturalidade, enquanto outros a recusam. Ele leva em consideração, ainda, que as inclinações para o objeto sexual invertido num indivíduo podem datar do início de sua vida, ou apenas em algum período antes ou após a puberdade.

A concepção que Freud formula para a inversão exclui a ideia de degeneração, aproximando o invertido de pessoas que não possuem desvios sérios da norma, não apresentam comprometimento de sua capacidade de funcionamento e existência, se distinguem por elevado desenvolvimento intelectual e cultura ética e são consideradas em funções importantes nos povos antigos (Freud, 1905/2016, pp. 25-6).

Para o autor, não se explica a inversão nem por uma natureza inata, nem pela hipótese de que foi adquirida, mas pelo recurso à bissexualidade.

A concepção a que chegou, no transcorrer de sua investigação, revelou a ideia de um hermafroditismo psíquico. Segundo Freud: “O homem invertido estaria, como a mulher, sujeito ao encanto proveniente dos atributos masculinos do corpo e da alma, ele se sentiria como uma mulher e buscaria um homem” (idem, p. 33).

4.2.2. O sentido de perversão em Freud

Quando Freud se refere aos invertidos, está nos falando sobre os desvios em relação ao objeto de desejo. Passemos agora à compreensão do que o autor considerou serem os desvios quanto ao objetivo, ou seja, as motivações para a escolha do objeto.

A significação que encontrou foi muito além do que a comunidade científica compreendia, e o reconhecimento de que existiria algo de perverso na vida de todos os seres humanos, a pulsão sexual, e ainda de que esta estaria presente na vida das crianças e também se manifestavam nos sintomas, foram impactantes para a época. A sexualidade da criança apresentada por Freud revelava-se perversa e polimorfa, sem regras e constituída a partir de suas interações.

¹² No curso desta pesquisa, constatou-se que Freud abandona o termo “inversão” nos trabalhos posteriores. Nos textos seguintes de sua obra, ele faz referência ao desejo entre pessoas do mesmo sexo utilizando o termo homossexual.

Estudando as perversões, ele descobriu que o instinto sexual tem de lutar contra forças psíquicas que são responsáveis por relegar o instinto ao que é normal. Assim, essas forças lhe apontariam na direção do desenvolvimento.

Foi no primeiro ensaio, “As aberrações sexuais”, que Freud conseguiu demonstrar algo sobre como os impulsos perversos são formadores de sintomas nas psiconeuroses, considerando o impulso e a repressão do instinto sexual, e, portanto, algo que todos os seres humanos teriam em comum. Ele também esclarece que o infantilismo poderia estar presente na vida sexual normal ou perversa do adulto.

Freud considerará que é inadequado reprovar a perversão, e irá nos dizer que certas perversões, fora do normal, caracterizam-se como patológicas (lamber excrementos, necrofilia), mas, mesmo nesses casos, os sujeitos não seriam doentes mentais.

Nos “Três ensaios”, ele escreveu:

Em nenhum indivíduo não estaria ausente, em sua meta sexual normal, um ingrediente a ser denominado perverso, e já bastaria essa universalidade para demonstrar como é inadequado usar reprovativamente o nome perversão.

(FREUD, 1905/2016, p. 56)

Na revisão e crítica que faz sobre as teorias clássicas que explicavam a inversão e a perversão, Freud sustentava que estas eram incapazes de explicar a vida psíquica de todos os homossexuais. A perversão, para Freud, estava ligada a uma fixação da libido em zonas erógenas correspondentes a uma fase precoce do desenvolvimento sexual infantil.

Para Freud, a homossexualidade não mereceria o nome de perversão; ela remontaria à bissexualidade constitucional do sujeito, e através da psicanálise seria possível demonstrar um tanto de escolha homossexual de objeto no inconsciente de cada indivíduo. Em 1923, na sua “Autobiografia”, Freud consolidou esta ideia ao fazer uma revisão de sua pesquisa psicanalítica até aquele momento:

Na concepção psicanalítica, também as mais estranhas e mais repulsivas perversões se explicam como manifestações de instintos sexuais parciais, que se subtraíram ao primado genital e perseguem autonomamente o prazer, como nos primeiros tempos do

desenvolvimento libidinal. A mais importante delas, a homossexualidade, dificilmente merece o nome de perversão. Ela remonta à bissexualidade constitucional e ao efeito posterior da primazia fálica; mediante psicanálise pode-se demonstrar em cada pessoa um tanto de escolha homossexual de objeto.

(FREUD, 1923/2011, p. 119)

4.2.3. O caráter bissexual do complexo de Édipo

Filho de reis, e ele próprio soberano de Tebas, Laio uniu-se a Jocasta e com ela gerou Édipo, um ser marcado para a tragédia. Foram inúteis os esforços de Laio para impedir que se cumprisse o oráculo de Apolo: “o ser que Jocasta amorosamente carrega em seu corpo matará o próprio pai e levará a ruína ao palácio de Tebas” (Civita, 1973, p. 545).

Adulto, Édipo retornou a Tebas, depois de um longo período vivendo no reino de Corinto, abandonado pelos pais e sem saber quem eles eram. Em seu retorno, casou-se com a própria mãe, após matar seu pai, e pôs no mundo quatro infelizes criaturas.

Freud reinterpreto em favor de sua tese o famoso sonho de união entre mãe e filho, presente no mito de Édipo, tornando este sonho universal a todos os seres humanos.

Todos éramos talvez predestinados a voltar nosso primeiro impulso sexual para a nossa mãe e nosso primeiro ódio e desejo violento contra o pai; nossos sonhos nos convencem disso. O Édipo rei, que matou seu pai, Laio, e se casou com sua mãe, Jocasta, é apenas a realização do desejo de nossa infância.

(FREUD, 1900/2019, p. 303)

À medida que investigava o caráter sexual das neuroses de sua época, Freud, no emblemático caso do pequeno Hans,¹³ de 1909, corroborou para a exemplificação e entendimento de sua teoria sexual, inicialmente proposta nos “Três ensaios” e tão difundida ao longo de sua obra.

¹³ Freud, *Análise da fobia de um garoto de cinco anos* (1909/2015).

O caso nos coloca a par dos conceitos fundantes da teoria e apresenta o destaque para o que Freud considerou como uma ambivalência de sentimentos e das fantasias homossexuais da criança durante o complexo de Édipo.

O pequeno Édipo, como se refere a Hans, desejava ter o pai longe e eliminado, a fim de ficar só com a mãe. Mas, também, amava profundamente o pai, e fazia de seu pequeno amigo Fritzl sua garotinha.

O complexo de Édipo, portanto, teve valor notável no desenvolvimento de Hans. Ele nos indicou que a combinação dos sentimentos de amor pela mãe e ódio ao pai fora vivida de maneira intensa na vida do menino, e as fantasias edípicas nos apontaram que o complexo lhe serviu tanto para satisfações ativas quanto passivas. Esse menino fantasiou que se colocava no lugar do pai e relacionava-se com a mãe, ou buscou substituir a mãe e ser amado pelo pai.

Segundo Freud, o desenvolvimento de Hans não foi em direção à homossexualidade, mas notemos que, em sua infância, oscilavam seus afetos no sentido constitucional de uma bissexualidade psíquica.

Com os avanços da investigação psicanalítica essa notável compreensão da sexualidade humana se consolidou. D. W. Winnicott nos reapresenta, em seu livro *Natureza Humana* (1954/1990), a ideia de que nos seres humanos existe uma bissexualidade inconsciente, e que esta é considerada especialmente quando referida à fantasia e a capacidade de identificação no complexo de Édipo:

A sociedade tem muito a ganhar tolerando tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade no desenvolvimento emocional das crianças. Uma forte identificação do menino com a mãe, e até mesmo um comportamento afeminado, podem ter valor quando o desenvolvimento do caráter é satisfatório em outros aspectos.

(WINNICOTT, 1954/1990, p. 66)

Na perspectiva de Winnicott, esse reconhecimento dos pais em relação à bissexualidade da criança poderia ser fundamental para o seu desenvolvimento emocional. Ele aponta que a feminilidade no menino ou a masculinidade na menina, durante o complexo de Édipo, indicam um desenvolvimento saudável, e, considerando os impactos que viriam posteriormente com a castração, Winnicott pondera o complexo como um ganho em saúde, apontando que, ao considerarmos esse estágio sendo alcançado com relativa abertura, teremos a criança mais capaz de tolerar

sentimentos humanos intensos, diminuindo a construção de defesas excessivas contra a ansiedade.

Joyce McDougall também fez contribuições importantíssimas em seu texto “Teoria sexual e psicanálise” (1999), revelando uma consideração peculiar sobre os desejos bissexuais na infância durante a fase do complexo de Édipo. Ela nos diz que o menino se imagina um verdadeiro parceiro sexual do pai, tem fantasias de incorporar oral ou analmente o pênis do genitor, a fim de possuir o órgão e os privilégios do companheiro de sua mãe. E mais, esse menino também é desejoso em tomar o lugar da mãe e ter um filho do pai. Ele sonha tanto que se imagina sendo penetrado, como ocorre com sua mãe. McDougall nos esclarece que o trabalho em psicoterapia com crianças revela e confirma esses desejos.

Posteriormente, em seu desenvolvimento, o menino precisará abandonar a posição de feminilidade com o pai (passiva), e, também, de rivalidade (ativa).

Voltando ao fundador da psicanálise, para Freud, é sinal de feminilidade a atuação ativa da menina quando brinca com as bonecas, representando aquilo que tivera na relação com a própria mãe (Freud, 1931/2010, p. 388). A clínica com crianças nos mostra que, nas fantasias infantis, os meninos também desejam brincar com as bonecas, dando margem a suas fantasias de serem mães.

Está claro para nós que a noção de bissexualidade na criança estaria presente de forma universal, e sua relação com o desejo homossexual é formada a partir de suas interações e fantasias edípicas. Para Freud, nossa libido oscila entre objetos masculinos e femininos durante toda a vida, se deslocando conforme nossa experiência com os objetos.

Em todos nós, a vida inteira, a libido normalmente oscila entre objeto masculino e o feminino; o homem solteiro abandona suas amadas quando se casa, e retorna à mesa do bar quando o casamento se torna insosso. É certo que, quando a oscilação é radical e definitiva, nossa conjectura se volta para um fato especial que beneficia decisivamente um ou outro, que teria apenas aguardado o instante apropriado para determinar conforme entende a escolha do objeto.

(FREUD, 1920/2011, p. 130)

Freud afirma, ainda, que a homossexualidade e a bissexualidade seriam uma peculiaridade da vida instintual de todos os seres humanos (1909/2015, p. 243); no

entanto, o que constitui o sujeito homossexual não são as peculiaridades em si, mas sua escolha de objeto que venha ocorrer posteriormente.

4.2.4. Homossexualidade e narcisismo

Segundo Civita (1973), Narciso é a imagem do homem que se volta para si mesmo, num gesto introspectivo e de isolamento. O menino belo e gracioso, quando se tornou adulto e se deparou com a própria imagem refletida na superfície de uma fonte, enamorou-se de si mesmo, e, contemplando-se, ficou dias e dias sem comer ou beber, deixando-se consumir pela solidão.

Como de costume, Freud (1914/2010) também visita o mito de Narciso para elucidar sua teoria. Desta vez, o que poderemos considerar em sua obra, é a aproximação entre homossexualidade e narcisismo.

Sándor Ferenczi, um dos seguidores de Freud, no artigo “Novas observações sobre a homossexualidade”, de 1909, inicia por reconhecer que os homossexuais são sujeitos que gostam excessivamente de mulheres, as idealizam, se identificam com o desejo delas por homens e assumem, na fantasia e de forma narcísica, um amor por si mesmos.

Na problemática da escolha de objeto, o narcisismo resulta das primeiras experiências de satisfação da criança. Segundo Vieira (2009), em seu texto “As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana”, decorrem dois tipos de escolha objetal nesse momento, as anaclíticas, referente aos primeiros objetos sexuais da criança, sendo as pessoas que a alimentaram, e a escolha narcísica, que Freud associará, no texto “Introdução ao narcisismo”, de 1914, às pessoas que tiveram alguma perturbação em seu desenvolvimento, tais como pervertidos e homossexuais. Freud considerará que os homossexuais buscariam a si mesmos como objeto de amor, fixados em um narcisismo primário.

Dizemos que o ser humano tem originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria, e nisso pressupomos o narcisismo primário de todo indivíduo, que eventualmente pode se expressar de maneira dominante em sua escolha de objeto.

(FREUD, 1914/2010, p. 33)

Desta forma, poderíamos situar a escolha inconsciente do objeto homossexual próxima do narcisismo, a partir de uma ideia de amor a própria imagem, conforme nos apontou Freud, em nota de 1910, acrescentada aos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905):

Em todos os casos investigados, constatamos que os futuros invertidos passam, nos primeiros anos da infância, por uma fase de intensa, mas breve fixação na mulher (geralmente a mãe), e, após superá-la, identificam-se com a mulher e tomam a si próprios como objeto sexual, ou seja, partindo do narcisismo, buscam homens jovens e semelhantes a si mesmos, que querem amar assim como a mãe os amou.

(FREUD, 1905/2010, p. 34)

Tendo como perspectiva as questões levantadas neste capítulo, entendemos que nenhum desejo homossexual nasce com o sujeito, mas a partir de suas experiências com os objetos.

5. A CLÍNICA PSICANALÍTICA COM HOMOSSEXUAIS

5.1. Pós-freudianos e a ética psicanalítica em questão

No decorrer dos anos, a psicanálise pós-freudiana, segundo Costa (1995), revelou-se incapaz de retomar as questões que Freud deixou em aberto a respeito da homossexualidade.

Em seu livro,¹⁴ Costa nos conta que, com exceção de alguns autores da psicanálise, como Ferenczi, Rank, Lacan e Stoller, as concepções teóricas que se sucederam depois de Freud apresentavam-se pobres e eticamente confusas.¹⁵ Se apoiavam em pontas soltas que o criador da psicanálise deixou, e acabaram por associar a homossexualidade ao campo das patologias, como sendo presente nas psicoses, no alcoolismo, nas adições, nos distúrbios de gêneros e em todas as formas de perversão. As ideias apontadas por esses autores, que não eram a exceção, incluíam a comunicação de tratamentos de homossexuais, no sentido da reversão sexual, conforme narrou Wulff, em 1942, ao destacar o caso de um homem homossexual que nutria sentimentos agressivos e de rivalidade com o pai, e que, após a conclusão do tratamento, encontrava-se longe das tendências homossexuais (Costa, 1995, p. 265)

Costa nos conta que, do ponto de vista ético, a psicanálise foi um misto de inconsequência moral e miopia. Segundo o autor, quando um psicanalista falava, era levado a sério e escutado como um homem da ciência. Tudo que era dito tinha força e prestígio em nosso imaginário cultural. Segundo o autor:

Afirmar, reiterada e exaustivamente, que homens como eles ou nós, pelo simples fato de se sentirem sexualmente atraídos por outros, são depósitos do que temos de emocionalmente pior, teve e continua tendo um custo humano apreciável.

(COSTA, 1995, p. 278)

¹⁴ *Estudos sobre o homoerotismo II* (1995)

¹⁵ Apontamentos de Jurandir Freire Costa, 1995, pp. 276-7.

5.2. Freud e a clínica com homossexuais

É preciso, portanto, retornar as concepções de Freud acerca da homossexualidade e seu destino, para compreender as possíveis saídas na clínica contemporânea.

Não nos esqueçamos que a teoria sobre homossexualidade em Freud foi diversa e, mesmo quando se apoiou nos interesses de sua época, a fim de apresentar alguma prevenção da inversão,¹⁶ o máximo que fez foi explicar como, através da educação, dos cuidados maternos e da ausência prematura de um dos genitores, poderia ser determinada a escolha de objeto sexual invertida. Ou seja, quase nada falou a respeito de uma maneira que buscasse evitar ou reparar a inversão.

Em 1920, no texto “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina”, Freud dedicou-se a conhecer a gênese e história psíquica de uma jovem homossexual de 18 anos, que provocava desgosto e inquietação em seus pais, devido ao carinho e admiração que tinha por uma dama da sociedade, dez anos mais velha que ela.

Esse fato, que tanto incomodava os pais da jovem, foi o grande motivo para que a levassem para um tratamento psicanalítico.

A partir da solicitação que lhe fora endereçada, Freud percebeu a busca por tratamento como sendo uma demanda dos pais da jovem, que estavam investidos numa preocupação social, e conduziam o pedido de que a filha mudasse seu desejo.

Ele reconheceu que a garota não estava doente, e que o desejo dos pais consistia em converter em outra uma variante da organização sexual genital, não se tratando de um conflito neurótico.

Suas observações foram preciosas e revelaram a falta de êxito da terapia psicanalítica na “tratativa” da homossexualidade.

Via de regra, o homossexual não consegue abandonar seu objeto de prazer; não é possível convencê-lo de que, caso mudasse, reencontraria no outro objeto o prazer a que renuncia. Quando chega a iniciar tratamento, geralmente são motivos externos que o movem a isso, as desvantagens e perigos de sua escolha de objeto, e tais comportamentos do instinto de autoconservação revelam-se muito

¹⁶ Cf. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/2016).

fracos na luta contra as tendências sexuais. Logo descobrimos seu plano secreto de obter, com o retumbante fracasso dessa tentativa, o sentimento tranquilo de haver feito o possível contra a sua natureza especial e poder então entregar-se a ela com boa consciência.

(FREUD, 1920/2011, pp.120-1)

Em seus escritos, Freud fez considerações sobre quando seria possível fazer um prognóstico mais favorável quanto à mudança do desejo. Isso seria apenas quando a fixação no objeto do mesmo sexo não se consolidou e tornou-se forte o bastante, isso é, quando ainda oscilaria a bissexualidade. Ainda assim, Freud pontua que os resultados dependeriam de cada caso a ser analisado, e parece não discorrer mais sobre a hipótese, devido à falta de garantia.

No tocante à comunicação do caso clínico, Freud evitou dar esperanças aos pais da jovem, ponderando que o desejo deles provavelmente não se realizaria.

Essa garota que Freud atendeu não buscava uma mudança de seu desejo. Segundo o autor, ela não via outra espécie de paixão para viver, e somente encarava o processo de análise para atender uma demanda dos próprios pais.

Freud, naquele momento, não parecia interessado em converter o desejo da moça; seu interesse estava no entendimento da homossexualidade e na história psíquica da jovem, a fim de encontrar alguma explicação para sua paixão por mulheres.

Não cabe à psicanálise resolver o problema da homossexualidade. Ela tem de contentar-se em desvendar os mecanismos psíquicos que levaram à decisão da escolha do objeto, e em seguir os caminhos que vão deles às disposições instintuais.

(FREUD, 1920/2011, p. 148)

A explicação que encontrou deriva das experiências edípicas infantis vividas pela moça na puberdade. A jovem teria vivenciado uma frustração quanto ao desejo de ter um filho do pai, quando a mãe engravidou pela terceira vez. Segundo Freud, ela ficou revoltada, voltou as costas ao pai e aos homens em geral, recusando a feminilidade, e direcionou a libido para outro lugar. Nas palavras de Freud, ela converteu-se em homem e tomou a mãe como objeto amoroso. De certa forma, o autor nos explica que, mesmo tendo uma relação ambivalente com a mãe, neste

momento, a jovem reviveu a relação amorosa e primitiva que tinha com a figura materna em sua infância. Na impossibilidade de acontecer qualquer relação com a mãe, a jovem buscou uma substituta. A postura de sua libido, segundo Freud, era intensificada conforme desagradava o próprio pai. Permanecera homossexual em desafio ao genitor.

No decorrer do texto, ele irá corroborar para o entendimento sobre a que se propõe a psicanálise nas questões que envolvem a homossexualidade. Ele considerará os interesses em desvendar os mecanismos psíquicos que levaram à decisão da escolha de objeto, e em seguir os caminhos que vão deles às disposições instintuais. Portanto, nos mostra que a ideia de reverter o desejo do sujeito, após a comunicação do caso e o desdobramento da análise, não era objetivo da psicanálise.

Contudo, as solicitações para reversão sexual não pararam por aí nos comunicados que Freud fez sobre a clínica psicanalítica ao longo de sua obra. Em 1935 ele escreveu uma carta-resposta prática e objetiva para a mãe de um homossexual, a quem aparentemente ocorria a ideia de tratar o desejo do filho através da psicanálise. Embora Freud estivesse mergulhado na cultura de sua época, que poderia sustentar tais interesses dessa mãe, sua resposta foi de apoio aos desejos do jovem, justificando que a análise não poderia lhe garantir quaisquer mudanças nesse sentido, sugerindo que as pessoas deixassem de perseguir os homossexuais e não os classificassem como doentes.¹⁷

Nas palavras de Freud:

O homossexualismo sem dúvida não é vantagem, mas não é nada de que alguém deva envergonhar-se, nenhum vício, nenhuma degradação; não pode ser classificado como doença; consideramo-lo uma variação da função sexual, produzida por certa parada no desenvolvimento sexual.

(FREUD, 1935/1982, carta 292, p. 488)

¹⁷ Carta escrita por Freud em 1935, publicada no *American Journey of Psychiatry*, em 1951.

5.3. Caso clínico: As dores da identidade dupla

No ano de 2016 atendi um rapaz com pouco mais de 30 anos, que me procurou após uma crise de ansiedade. Em nossa primeira conversa, contou-me ter vivido um relacionamento amoroso por 10 anos, no qual ficou 4 anos casado, e, após um grande conflito com a esposa, se separou e voltou a morar com sua mãe. Revelou o motivo da separação, após algum tempo de nossa conversa. Confessou-me que sentira desejos por homens desde sua infância, e, lutando contra seu desejo, havia se casado e feito planos para viver uma vida “normal”. Porém, após algum tempo casado, iniciou relações extraconjugais com jovens que conheceu na internet. Quando a esposa descobriu, o condenou e decidiu pela separação. Este rapaz chegou ao meu consultório buscando respostas para lidar com seus conflitos sexuais, e, resistindo aos desejos que julgava serem errados, me fez o pedido pela cura gay.

Sua queixa ainda incluía dificuldades em relacionar-se no trabalho, dúvidas sobre a trajetória profissional e o luto pela morte do pai, falecido 4 anos antes. Durante os atendimentos iniciais houve a insistência por parte dele para tornar-se heterossexual, pois condenava seu desejo por homens algo indigno do perdão de deus. O paciente era religioso e mantinha em segredo seu amor por rapazes.

Contou-me sobre a separação dos pais em nossa segunda sessão. O pai mantinha relações extraconjugais com mulheres e era alcoólatra, e, quando meu paciente já era adulto, viu os pais se separarem.

Este rapaz que atendi mantinha forte vínculo com a figura materna. Os irmãos saíram de casa, mas ele, após separar-se da esposa, decidiu retornar para fazer companhia à mãe, sem planos de conduzir a vida sozinho. Contava sobre o medo de decepcioná-la, caso revelasse seu desejo por homens. Seu amor e admiração pela mãe eram tão fortes que temia qualquer possibilidade de ser malvisto por ela.

Em nossa quarta sessão, após deitar-se no sofá, disse que queria falar sobre sua sexualidade. Aos poucos, notei que estava se sentindo à vontade em meu consultório para falar de si mesmo, e considerava minhas intervenções ou interpretações.

Antes de me revelar detalhes sobre sua infância, fez considerações sobre como se percebia como um perverso, pelo excesso de masturbação e por frequentar saunas gays. Fato que, durante a nossa conversa, o que lhe incomodava era seu objeto de desejo: os homens.

Era evidente o seu desejo de não desejar. Eu me questionava sobre o lugar que habitava esse discurso condenatório em seu psiquismo, se estaria associado a algum período de sua história que não havia, ainda, me comunicado.

Com certo esforço, consegui me contar que, quando era criança, tinha lembranças de tocar o próprio pai enquanto ele dormia. Certa vez escutou os pais conversarem sobre o episódio, e, pelo que se lembra, cessaram as noites de prazer com o genitor.

Na análise, estava ficando claro para nós que talvez tivesse sentido raiva do pai por impedir seu prazer. Uma fantasia edípica de sua infância, não realizada, se mostrava em nossas sessões e buscava expressão na sua vida adulta.

Ao final daquela sessão, este rapaz, que demorava para sair do meu consultório, presumo pelos motivos de sentir-se acolhido e podendo falar daquilo que vivera reprimindo desde sua infância, conseguiu dizer que buscava aceitar a sua homossexualidade, com certo esforço.

O conflito moral foi tomando sua fala nas sessões seguintes. Foi reconhecendo que suas defesas contra o desejo homossexual estavam associadas ao medo de ser julgado pelas pessoas, e revelou ter dúvidas sobre a autorização divina para viver sua homossexualidade. Supus que essa autorização divina fizesse referência aos próprios pais, e percorremos o caminho da autorização que esperava do pai falecido, em sua fantasia. Durante as sessões seguintes, ele percebeu que o caminho que desejava percorrer era o de autorizar, aos poucos, o desejo homossexual, pois não via sentido em continuar lutando contra si mesmo.

Para a minha surpresa, após uma viagem de férias e o contato com amigos da igreja que frequentava antes de iniciar as sessões de psicoterapia, o paciente me disse que não queria assumir que era homossexual, que essa era sua maior tristeza e que não sabia por que esse fenômeno lhe ocorria. Ele contava sobre as festas que ia do trabalho, nas quais forçava-se a dançar e a se divertir, mas no final chorava e se via entristecido. Perdera o ânimo e não se via interessado em dar sequência aos estudos.

Após algumas semanas, durante as quais parecia manter-se firme na negação do seu desejo, começamos a trabalhar a partir de uma diminuição de suas críticas internas e na autorização daquilo que lhe era importante, sem nos atentarmos, especificamente, à homossexualidade.

Ele foi ficando mais bem-humorado em nossas sessões, e já apresentava, novamente, uma fala ambivalente sobre o reconhecimento de seu desejo. Ora se condenava, ora refletia sobre viver de forma livre, sem pressão e sustentando aquilo que lhe era importante.

Alguns meses após o início da terapia, meu paciente chegou para a sessão pontualmente, contou-me sobre ter iniciado um curso na área que trabalhava e que se deparou com alunos de presença “alternativa”, homossexuais, “descolados”, que se vestiam de forma casual. Olhou para si mesmo, naquele momento, e se questionou sobre o terno e a gravata que usava. Refletiu sobre seu excesso de formalidade e considerou que talvez fizesse aquilo para se esconder. Naquela sessão, encerrou com a frase: “às vezes penso em assumir logo que sou gay e não me importar mais com os outros” (SIC).

O paciente foi mudando sua fala em relação ao desejo homossexual a cada sessão. Dessa vez, enquanto contava sobre um encontro com um rapaz, me disse que se referiu à terapia como uma forma que encontrou para lidar com sua homossexualidade.

Quinze dias após essa última sessão, ele me contou sobre como as pessoas percebiam a sua personalidade. Fosse no trabalho, em casa ou com os amigos, o definiam como “sério”, “formal”, “chato”, “bastante responsável” e “insuportável”. Ele mesmo me disse, após proferir tais palavras, que ficara espantado com isso. Foi preciso colocar as minhas impressões para que este rapaz se desse conta de como eu o percebia.

Falei para ele que, durante as nossas sessões, ele era bem-humorado, divertido, atencioso e curioso. Não parecia o mesmo rapaz que me descreveu anteriormente. Com esforço, confessou-me que, em nossas sessões, ele poderia ser quem ele era.

Visitando as minhas anotações do ano de 2016 para compor esse trabalho, deparei-me com uma peculiar sessão, a qual irei reproduzir da maneira como anotei na época:

O paciente contou sobre as dificuldades no trabalho e que estava pensando em parar o curso de eventos, devido aos problemas em relacionar-se com os colegas da turma. Falou também sobre ter se lembrado da ex-mulher nos últimos dias e da culpa que sentiu por a ter

deixado. Durante a nossa conversa, ele pareceu tornar consciente a possibilidade de viver relações homoafetivas e permitir-se o apaixonamento por rapazes. No entanto, quando pontuei e fiz essa leitura para ele, o paciente disse que queria ser heterossexual. Estou intrigado com tamanha resistência. Pontuo que essa parecia ser uma defesa e que sua dificuldade em aceitar o próprio desejo estava associada ao grande medo de ser julgado pelas pessoas. Considerei que me parecia usar de sua organização, excesso de disciplina e controle para tentar compensar o que acreditava fazer “errado” – ser homossexual. Também pontuei a respeito da dificuldade em se relacionar com o outro, e que essa barreira que criava parecia estar associada ao medo de expor aquele homem que se apresentava nas sessões. O paciente chorou demasiadamente após minha interpretação.

(Anotações do caso, redigidas em 2016)

Sua resistência continuou nas sessões seguintes, e mantinha-se distante das pessoas, revelando certa solidão. Trabalhávamos questões de sua rotina diária, suas relações no trabalho e ambições profissionais. Chegou a elogiar-me e dizer que o melhor dia da semana era o dia da terapia, pois era o único lugar em que se sentia à vontade para falar de sua orientação sexual.

Aos poucos, foi retomando a sua “problemática”. Disse que saiu com um rapaz, mas sentiu-se envergonhado quando o rapaz quis andar de mãos dadas com ele na rua. Ele me disse que queria resolver-se amorosamente, quer fosse hétero ou homossexual.

No vai e vem de nossas sessões, ele apresentava resistência para autorizar o seu desejo, pois ainda se considerava culpado ou temia o julgamento do outro. Falava sobre seus progressos no trabalho e dos cursos que pretendia fazer. Contava-me sobre as novas amizades e, também, sobre as antigas, com as quais estava reatando laços. Animado, me contou: “saí do armário com a minha amiga” (SIC). Depois de contar à amiga que era homossexual, o paciente me revelou que tirara um peso das costas, e que, a partir disso, poderia começar uma vida nova.

Sua fala permitia que o desejo fizesse parte dele. Notei que se apropriava do termo homossexual, fazendo seu desejo habitar na consciência de forma clara e precisa. A propósito, o termo perverso não fora mencionado novamente em nossas

conversas, sinalizando que a compreensão que fazia de seu desejo não correspondia mais a um ato anormal e moralmente condenatório.

Após duas semanas dessa última sessão, o paciente chegou em meu consultório sorrindo e bastante animado. Revelou-me que estava apaixonado, andou de mãos dadas com aquele mesmo rapaz em uma movimentada avenida da cidade, e me contou, de forma enérgica, que estava se aceitando.

Seu próximo passo seria contar à mãe sobre sua homossexualidade.

No decorrer das sessões, sua fala foi tomada por reflexões sobre como poderia viver sua homossexualidade sem condenar-se ou preocupar-se demasiadamente com o que pensariam dele. Chegou certa vez a me dizer: “antes eu tinha medo de falar que sou homossexual para não perder a amizade das pessoas. Hoje, eu prefiro falar que sou gay para que as pessoas não saibam por outros meios e me julguem” (SIC).

Ele caminhava, aos poucos, em direção à compreensão e autorização de seu desejo, e começou a me dizer que, mesmo que não o aceitassem na comunidade religiosa, era preciosa a sua própria liberdade.

À medida que se autorizava como homossexual, o paciente prosperava no trabalho, nos estudos, e fazia planos para morar sozinho. Assim como Alex Truelove, personagem do recente filme de Craig Johnson,¹⁸ meu paciente deixava de negar o desejo por homens e forçar-se a ter relações heterossexuais, admitindo para si mesmo, na minha leitura, que romper consigo mesmo era mais sofrido que juntar-se à ideia que lhe fora tão insuportável para a consciência.

Em nossa última sessão, após as festas que marcaram o final daquele ano, chegou em meu consultório pontualmente e animado. Contou-me que revelara a mãe sua homossexualidade, que ela o aceitara e não o condenara.

Esbocei a minha alegria por sua conquista e conversamos sobre como havia se sentido. Ao final da sessão, decidi interromper o processo, disse que seu objetivo estava cumprido.

Entendi que essa era a sua questão para aquele momento. Caso desejasse, poderia retornar para trabalhar outras demandas de sua vida; porém, naquele instante, consideramos sua decisão de ser um homem livre para viver seu desejo

¹⁸ A comédia romântica americana *Alex Strangelove* (2018) narra a história de um adolescente desejoso por perder a virgindade com uma garota. Ao dar-se conta de seus desejos homossexuais, encara um processo de autodescoberta repleto de negativas, que por fim perdem forças diante da experiência vivida com um amigo homossexual.

homossexual como o desfecho do processo. Seu objetivo foi cumprido, e a terapia marcou, como ele bem me disse, “sua saída do armário”.

5.4. Caminhos para a clínica psicanalítica com homossexuais

Através dos estudos de Freud, Foucault, Roudinesco, Jurandir F. Costa e outros autores citados nesse trabalho, e tendo em vista o caso que narrei, podemos compreender que os ideais sociais que buscam normalizar o desejo sexual implicam sofrimento no sujeito homossexual, que, não atingindo a orientação padrão que lhe é imposta, se vê condenado ao fracasso e envergonhado de si mesmo. Assim, esconde o seu desejo, que cala, mas não se apaga. Surge, isso sim, em forma de dor, de angústia, de temor.

No terceiro capítulo deste trabalho, vimos que a intenção dos nossos atos nem sempre é consciente, e foi por esse motivo que a ideia de autocontrole se tornou algo tão insustentável para o meu paciente. Ele tentava controlar seu desejo, fazer-se heterossexual a todo custo para cumprir uma ideia que lhe atormentava psiquicamente, mas sofria com a impossibilidade de converter sua libido num objeto contrário ao seu desejo.

Nos caminhos da psicanálise, observamos que é preciso suspender a busca por um bem-estar utópico e engajar-se na verdade de cada sujeito. Apesar dos medos, dos vaivéns e das repetições, nosso trabalho continua sendo o de ajudar o sujeito a não retroceder em seu desejo, e, sim, encará-lo de frente; apesar dos custos que qualquer forte desejo implica, a verdade é sempre preferível. E a nós, psicanalistas, cabe o trabalho das tensões entre a moral social e a liberdade sexual, no sentido de fortalecer a autonomia do sujeito em relação à própria vida.

Caso exista uma cura para aquele sujeito que discorda da própria homossexualidade, parece que só poderá existir a partir do alívio em aceitá-la como parte dele, e não mais na condenação e repressão de seus próprios desejos. A repressão que cala o desejo pode resultar num enorme sofrimento, fazendo com que a causa da dor seja a própria privação.

É sobretudo na repressão, conforme vimos no segundo capítulo deste trabalho, que o sujeito adocece, a mercê de valores morais que não conversam com a sua liberdade sexual.

Talvez, através da teoria psicanalítica, reuniremos forças para lidar com os ideais sociais repressores, com alguma expectativa de ajudar o sujeito a responsabilizar-se pelos próprios desejos e viver sua singularidade.

Se para Freud todo sujeito teria disposições bissexuais em seu psiquismo, não nos restariam dúvidas de que, em sua mais pura ingenuidade, as propostas de reversão sexual sustentariam, também, a repressão dos próprios desejos homossexuais dos criadores da 'cura gay'. Assim, se algo incomoda tanto os desejosos em curar gays, é bom que tomem conta de seus próprios desejos, pois, para estes novos tempos, existe alguma esperança de que a orientação sexual, seja ela qual for, possa ser vivida em harmonia e longe de tanta moralidade.

Em julho de 2017 recebi a visita de uma estudante de psicologia para conversarmos sobre a sua trajetória profissional. Naquele momento eu estava empenhado no estudo do conceito de bissexualidade em Freud, pois este iria compor a ideia central de um texto que escrevi para *O grande livro do amor e do sexo* (2018).¹⁹

Comentei que o conceito me atraía, pois me ajudava a pensar uma crítica à ideia de reversão sexual. Para o meu espanto, ela se opôs ao meu comentário, revelando sua crença na eliminação do desejo homossexual através de psicoterapias.

Não entramos em discussão, pois não nos sobrou tempo. Eu a encontro com certa frequência, não falamos mais sobre nossa divergência, mas espero que ela tenha abandonado a nociva ideia de cura gay.

¹⁹ Silva, Renan Regueiro da. "Bissexualidade Psíquica: A mudança do homem na atualidade e a nova identidade masculina". In: *O grande livro do amor e do sexo*. São Paulo: Editora Literare Books, 2018.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Grécia antiga, através de seus ritos, mitos e costumes, a homossexualidade circulava como parte da cultura, sendo praticada entre os homens e valorizada pelas religiões. Contudo, vimos com Foucault (1984/2014) o surgimento de uma preocupação moral a respeito das práticas homossexuais, pois era no campo da conduta amorosa, especificamente no uso dos prazeres, que se determinaria a honra dos jovens na era clássica. Diante disso, considerando o valor moral dos rapazes como determinante para a sua aceitação na cultura, os filósofos e moralistas da época se ocuparam em questionar aqueles que tivessem se submetido a relações homossexuais, mantendo-se em posições passivas. Ponderando sobre sua honra, o jovem da era clássica viu-se diante da renúncia do próprio desejo para manter-se em harmonia com os valores da educação de sua época.

No percurso deste trabalho, vimos que foi no período inicial do movimento psicanalítico que Freud (1893-95) observou uma cisão da consciência. Ele reconheceu que nossos desejos, quando não suportáveis à consciência moral, eram subtraídos da consciência e reprimidos para um outro lugar, que nomeou posteriormente de *inconsciente*.

A partir desta concepção freudiana, entendemos que o sujeito homossexual vive um conflito a partir das representações que tem de si e da própria sexualidade, pois quando se projeta na cultura, forças internas também são responsáveis pelo seu sofrimento em razão da censura.

Entendemos com Nasio (1999) que essa luta interna se caracteriza por algo que impulsiona e outro que resiste, sendo os *representantes recalçados* aqueles que tentam impelir a barreira do recalçamento e tornarem-se conscientes. Deformados nessa batalha, chegam em forma de sintomas neuróticos que podem levar ao adoecimento.

Em sofrimento psíquico, o sujeito diante da proposta de reversão sexual se vê alienado e sem refletir a sua própria subjetividade. E, considerando o viés psicanalítico deste trabalho, constatamos que o desejo sexual humano não cala facilmente, e um projeto de terapia que busque reforçar argumentos que se opõem à sua própria fantasia ou orientação apenas estimula a contradição da qual o indivíduo sofre.

Nos vimos implicados a considerar a psicanálise longe de prometer a “cura”, mas como um caminho para que o sujeito entenda seus desejos homossexuais e consiga autorizá-los no resgate de sua subjetividade.

Para adentrar os conceitos freudianos, a ideia de perversão surgiu como uma importante característica deste trabalho, a considerar a inovadora posição que Freud adotou no citado “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905.

Primeiro, observamos Foucault (1961/1978) marcar o internamento em hospitais psiquiátricos, durante o século XVII, como uma tentativa de condução dos “a-sociais” de volta à verdade, por via da coerção moral. A condenação da prática da sodomia, em especial, implicou na perseguição e conseqüente extermínio dos homossexuais, incluídos, por conta da sua sexualidade, entre os imorais e “a-sociais”. Depois, Jurandir Freire Costa (1995) revelou que a perversão homossexual teve sua origem nas novas sociedades burguesas, durante o século XVIII. Com a supremacia do evolucionismo, no século seguinte, a perversão homossexual envolvia indivíduos que iam contra a natureza humana e contra as leis, sendo vistos como defeituosos. As terapêuticas propostas no fim do século XVIII e início do século XIX, consideradas por Costa, buscavam combater os sentimentos homossexuais e induzir o desejo heterossexual.

Freud, estudando as perversões, na trama que se via implicado dos conflitos neuróticos, descobriu que o instinto sexual tem de lutar contra forças psíquicas que são responsáveis por relegar o instinto ao que é normal e aceito na cultura. Desta forma, apresenta uma concepção diferente do que era considerado até então. O autor sustenta que é inadequado reprovar a perversão, considerando, numa posição desafiadora para a época, que os sujeitos que eram tomados por perversões de caráter patológico também não eram doentes mentais.

A perversão para Freud estava ligada a uma fixação da libido em zonas erógenas correspondentes a uma fase precoce do desenvolvimento sexual infantil. Portanto, a homossexualidade não merecia o nome de perversão, pois remontaria à bissexualidade constitucional do sujeito.

Freud afirmou que a homossexualidade e a bissexualidade seriam uma peculiaridade da vida instintual de todos os seres humanos, caracterizando a constituição do sujeito homossexual a partir de sua escolha de objeto.

Tendo como perspectiva as questões levantadas no quarto capítulo deste trabalho, entendemos que nenhum desejo homossexual nasce com o sujeito, mas a

partir de suas experiências com os objetos. Constatamos que a noção de bissexualidade na criança estaria presente de forma universal, e sua relação com o desejo homossexual seria formado a partir de suas interações e fantasias edípicas. Para o fundador da psicanálise, nossa libido oscila entre objetos masculinos e femininos durante toda a vida, se deslocando conforme nossa experiência com os objetos.

O caráter assumido pelo sujeito homossexual, fica-nos claro, não é psicopatológico, e tampouco subsiste uma ideia de converter em certo padrão heteronormativo. Até aqui vimos que a conversão teria tido o efeito de incitar o dilema que se vive entre desejo e moral, potencializando o sofrimento e não o seu alívio.

Visitando os casos clínicos de Freud, reconhecemos que seu viés não se mantinha pelas tendências de reversão sexual, mas no interesse de entendimento da homossexualidade, a fim de encontrar razões para o desejo homossexual.

Através do texto “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade”, de 1920, percebemos que o interesse do autor não estava na reversão do desejo da moça, evitando, inclusive, dar esperanças aos pais da jovem de que isso pudesse ocorrer. Seus interesses estavam no desvelamento dos mecanismos psíquicos que levaram à decisão da escolha de objeto.

Outras solicitações endereçadas ao pai da psicanálise marcaram sua posição, pois notou-se que Freud se mantinha convicto quanto ao fracasso destas práticas coercitivas.

A exposição de um caso clínico que atendi em meados de 2016 corroborou para o entendimento dos caminhos possíveis na tratativa da angústia que vivem alguns homossexuais. Na busca por controlar seu próprio desejo, fazer-se heterossexual a todo custo, o rapaz que atendi sofria com a impossibilidade de converter sua libido para um objeto contrário ao seu desejo. Foi por intermédio do reconhecimento de sua subjetividade e da autorização de seu desejo que este sujeito se viu capaz de aliviar seu sofrimento.

Por fim, este trabalho se encerra considerando a psicanálise como uma alternativa válida e viva para ouvir o sofrimento humano, ou na especificidade do fenômeno aqui tratado, como um campo no qual o sujeito homossexual pode lidar com seu desejo a partir de sua própria realidade psíquica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOR & Sexo, Enciclopédia, Volume II. Editora Nova Cultural, 1989.

CIVITA, Victor (editor). *Mitologia. Volume I*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. *Mitologia. Volume II*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. *Mitologia. Volume III*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

COSTA, Jurandir Freire. *A face e o verso – Estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escuta, 1995.

FERENCZI, SÁNDOR. “Novas observações sobre a homossexualidade” (c.1909). In: *Obras completas. Psicanálise IV. Sándor Ferenczi*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FOUCAULT, Michel. (1961) *História da Loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. (1984) *História da sexualidade: O uso dos prazeres 2*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos* (1900). *Obras completas volume 4*. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

_____. “A repressão” (1915). In: *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. *Obras completas volume 12*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____. “Análise da fobia de um garoto de cinco anos” (1909) In: *O delírio e os sonhos na gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos (pequeno Hans) e outros textos (1906-1909)*. *Obras completas volume 8*. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

_____. “Análise terminável e interminável” (1937). In: *Moisés e o monoteísmo, compendio de psicanálise e outros textos*. *Obras completas volume 19*. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

_____. “Autobiografia” (1923). In: *O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)* *Obras completas volume 16*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

_____. “Carta a um anônimo” (1935). In: *Correspondência de amor e outras cartas: 1873-1939*. (Edição preparada por Ernst L. Freud e publicada com o título original: *Letters of Sigmund Freud*). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

- _____. *Cartas a Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Buenos Aires, Amorrortu, 2008.
- _____. *Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). Obras completas. Volume 13*. São Paulo: Companhia das letras, 2014.
- _____. *Estudos sobre a histeria (1893-1895). Obras completas Volume 2*. São Paulo: Companhia das letras, 2016.
- _____. “Introdução ao narcisismo” (1914). In: *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Obras completas volume 12*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- _____. *Psicologia das Massas e análise do eu (1921)*. Coleção L&PM Pocket, volume 1106. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.
- _____. “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina” (1920). In: *Psicologia das Massas e análise do eu e outros textos (1920-1923) Obras Completas Volume 15*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- _____. “Sobre a sexualidade feminina” (1931). In: *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos. Obras completas volume 18*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- _____. “Tipos de adoecimento neurótico” (1912). In: *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Obras completas volume 10*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- _____. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905) In: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). Obras completas volume 6*. São Paulo: Companhia das letras, 2016.
- HERMANN, Fabio. “As três faces de Eros: ensaio sobre o amor contrário”. *Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*. Volume 7: 352-367, 2006.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MCDUGALL, Joyce. “Teoria Sexual e Psicanálise”. In: CECCARELLI, Paulo Roberto (org.). *Diferenças sexuais*. São Paulo: Escuta, 1999.
- NASIO, Juan David. *O prazer de ler Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- PLATÃO. *O Banquete*. Coleção L&PM Pocket, volume 711. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

ROUDINESCO, Elizabeth. *Por que a Psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

SANTI, Pedro de. "Linguagem, história e desejo". "Sobre a atualidade de Freud", in KUPERMANN, Daniel (org.). *Por que Freud hoje?* São Paulo: Zagodoni, 2017.

SILVA, Mario Sergio. "Machucados pela fé". Publicado em 11 de agosto de 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/eles-foram-machucados-pela-fe/#cover>. Acesso em 01 jun. 2020.

VIEIRA, Luciana Leila Fontes. "As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana". Ver. *Mal-Estar Subj.*, Fortaleza, v.9, n.2, p 487-525, jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 ago. 2020.

WINNICOTT, Donald Woods. *Natureza Humana*; Tradução de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

Referências audiovisuais:

ALEX Strangelove. Dir. Craig Johnson. EUA: Mighty Engine; Red Hour Films; STXfilms, 2018. (99 min.)

JOGO da imitação (*The imitation game*). Dir. Morten Tyldum. EUA/Reino Unido: Black Bear Pictures; Bristol Automotive; Orange Corp, 2014. (114 min.)

TRAPPED: The Alex Cooper Story. Dir. Jeffrey G. Hunt. EUA: Silver Screen Pictures, 2019. (87 min.)